Lição 23: O primeiro motor pode não ter grandeza

1164. Tendo resolvido a dúvida que levantou sobre o movimento dos projéteis, a partir da qual concluiu que um movimento envolvendo vários motores não é um movimento contínuo, o Filósofo retorna agora à sua tarefa principal, ou seja, provar que o primeiro motor é um. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele expõe sua proposição;

Em segundo lugar, levanta uma dúvida e a resolve, no ponto 1170.

Sobre o primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, prova a unidade do primeiro motor através da continuidade do movimento;

Em segundo lugar, mostra como um movimento contínuo provém de um único motor, 1166;

Terceiro, onde está o princípio de um movimento contínuo, no ponto 1168.

1165. Que deve haver um único motor, ele prova (912) através da continuidade do movimento, tomando o que havia provado anteriormente, ou seja, que algum movimento contínuo deve sempre existir. Mas um movimento contínuo é um, como foi dito no Livro V. Portanto, deve sempre existir algum movimento que seja um. Mas para que um movimento seja um, ele deve ser de uma grandeza movida una (porque algo que não pode ser dividido em partes não pode ser movido, como foi provado no Livro VI) e deve ser movido por um único motor. Pois se os móveis são diversos ou os motores são diversos, um movimento não será um e, consequentemente, não será contínuo; antes, será um movimento dividido de outro — por causa da divisão do móvel ou do motor — e um terá movimentos consecutivos. É necessário, portanto, que o motor seja um e que seja um motor movido ou um motor imóvel.

1166. Em seguida, no (913), ele mostra como de um único motor pode haver um movimento contínuo. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra como de um único motor pode haver um movimento perpetuamente contínuo;

Em segundo lugar, como ele é regular, no ponto 1167.

Ele diz, portanto (913), que um movimento proveniente de um único motor é, como foi dito, ou de um motor movido ou de um motor não movido. Se for o primeiro caso, segue-se que ele é movido por algo, como foi provado acima. Mas isso não pode prosseguir *ao infinito*, como foi provado

acima. Portanto, a série de motores e móveis deve parar e chegar a um primeiro móvel movido por um motor imóvel, o qual motor não move por necessidade, porque não é movido por outro. Pois tudo o que é movido por outro move por necessidade, na medida em que a necessidade lhe é imposta pelo seu motor. E porque é mudado de sua disposição, não pode causar um movimento que seja sempre uniforme, pois sua disposição varia.

Mas nada outro impõe necessidade a um motor não movido, nem sua disposição varia. Daí que ele não age por necessidade, mas pode mover sempre, porque mover assim, ou seja, sem mudança de si mesmo, é incansável. Pois a fadiga ocorre em alguns motores ao mover, porque eles também são simultaneamente movidos, e da fadiga ocorre que não podem agir sempre como motores. Permanece, portanto, que um motor não movido pode mover com um movimento perpétuo contínuo.

1167\. E porque a continuidade e unidade perfeitas do movimento exigem que o movimento seja regular e uniforme, como foi estabelecido no Livro V, por isso, em (914), ele mostra que um movimento proveniente de um motor imóvel é regular.

E ele diz que ou apenas o movimento proveniente de um motor imóvel é regular, ou, se outros também são regulares, aquele é o mais regular. Ora, ele usa essa disjunção porque a disposição de um motor movido permanece, por vezes, a mesma por algum tempo, sem variação, ao menos no que diz respeito a qualquer percepção sensível dela; e, consequentemente, tal motor parece, por um tempo, causar um movimento uniforme. Mas aquilo que é sempre assim se move, acima de tudo, com movimento uniforme, visto que tal motor não está sujeito a nenhuma mudança. Ele diz isso para mostrar que existem alguns motores que não são movidos com o mesmo tipo de movimento que causam, como um corpo celeste não é movido pelo movimento de alteração, mas por outro, a saber, o movimento local. Mas o primeiro motor, sendo totalmente imóvel, não é movido por nenhuma mudança.

Para que um movimento seja regular e uniforme, é necessário que o motor seja totalmente imóvel; além disso, para que o movimento seja "semelhante", i.e., uniforme, é necessário que o que é movido não sofra nenhuma mudança além daquela que o motor imóvel causa nele, como um corpo celeste é movido com movimento local por um motor imóvel e, além disso, não sofre nenhuma outra mudança. Pois, se fosse alterado, sua disposição para o movimento não permaneceria constante e, consequentemente, o movimento não seria uniforme.

1168\. Em seguida, em (915), ele mostra onde está o início do primeiro movimento contínuo. E porque foi provado que o primeiro movimento é circular e pertence a uma magnitude circular, o primeiro início deste movimento deve estar ou no meio, i.e., no centro, ou no círculo, porque ambos são princípios de uma magnitude circular. Pois, numa magnitude circular, linhas são estendidas do centro à circunferência. Portanto, um destes deve ser tomado como princípio, e o outro como termo.

Em seguida, ele mostra, pelo argumento seguinte, que o princípio do primeiro movimento está no círculo: Todo movimento, quanto mais próximo está do princípio motor, mais rápido é, porque recebe uma impressão mais forte do motor. Mas percebemos, no movimento de todo o firmamento, movimento que procede do primeiro motor imóvel, que quanto mais próximo um

móvel se aproxima da circunferência mais externa, tanto mais rápido é o seu movimento. Portanto, o motor está no círculo e não no centro.

A premissa maior deste argumento é clara. Mas, para tornar a premissa menor clara, deve-se considerar que um duplo movimento é encontrado nos corpos celestes: um é o movimento de todo o firmamento em sua revolução diária de leste para oeste — e este é o primeiro movimento; o outro é o movimento pelo qual as estrelas são movidas em sentido contrário, de oeste para leste.

Ora, neste segundo movimento, quanto mais próximo um corpo celeste está do centro, mais rápido é o seu movimento, como é evidente pelos cálculos dos astrônomos, que atribuem um mês ao movimento da Lua, um ano aos movimentos do Sol, Mercúrio e Vênus, dois anos a Marte, doze anos a Júpiter, trinta a Saturno e 36.000 anos às estrelas fixas [i.e., a precessão dos equinócios, na realidade 26.000 anos].

Mas, com respeito ao movimento de todo o firmamento, ocorre o oposto. Pois, quanto mais distante um corpo celeste está da terra, mais rápido é o seu movimento, porque percorre uma magnitude maior no mesmo tempo. Pois as circunferências dos círculos são maiores quanto mais distantes estão do centro, e, no entanto, todos os corpos celestes são revolvidos com o movimento do todo no mesmo período de tempo. Consequentemente, os corpos mais externos são mais rápidos. Portanto, o que resta é que o princípio do primeiro movimento não está no centro, mas na circunferência.

1169\. Mas surge agora uma dificuldade acerca desta conclusão. Pois o primeiro motor, como ele concluirá abaixo, é indivisível e não tem magnitude, e seu poder não existe numa magnitude. Mas tudo o que é assim não parece ter uma posição definida num corpo. Portanto, não convém ao primeiro motor estar numa parte do primeiro móvel mais do que noutra.

Mas deve-se afirmar que se diz que o primeiro motor está em alguma parte do seu móvel não por determinação de sua substância, mas por sua eficiência causal do movimento, porque ele começa a mover em alguma parte do objeto sobre o qual age. E é por essa razão que se diz que o primeiro motor está nos céus, e não na terra, e antes no leste, onde o movimento começa. E isto não deve ser entendido como se o motor se fixasse a alguma parte definida do móvel, visto que não há nenhuma parte definida do móvel sempre no leste, mas a parte que agora está no leste estará depois no oeste. Assim, é claro que se diz que o poder do motor está no leste em virtude do influxo do movimento, e não por qualquer determinação de sua substância.

Deve-se notar também, com respeito ao movimento de uma esfera, que, simultaneamente com seu movimento, ela possui uma espécie de imobilidade — pois as partes são movidas quanto à mudança de lugar tanto subjetivamente quanto conceitualmente, mas o todo é movido quanto à mudança de lugar conceitualmente, mas não subjetivamente, como foi mostrado no Livro VI. E estas duas coisas (diferentes) são atribuídas aos dois princípios da magnitude esférica que ele menciona aqui: pois o princípio do movimento tem sua sede na circunferência, enquanto o princípio da imobilidade deriva da fixidez do centro.

1170\. Em seguida, em (916), ele levanta uma dúvida sobre o que foi dito.

Primeiro, ele a levanta;

Segundo, ele a resolve, em 1171.

Pois ele havia dito anteriormente que um motor imóvel pode causar movimento contínuo e, portanto, aqui em (916) ele pergunta subsequentemente se um motor movido pode causar um movimento contínuo, de tal modo, a saber, que seja verdadeiramente contínuo, sem nenhuma interrupção, como a interrupção que ocorre quando alguém empurra um corpo e depois o empurra novamente. Pois é claro que este movimento, que é assim contínuo do ponto de vista do móvel, não é verdadeiramente contínuo, porque os atos de mover não são contínuos, mas um segue o outro; pois aquele que empurra não empurra continuamente, mas em intervalos, de tal modo que um empurrão é consecutivo a outro.

1171. Em seguida, no ponto (917), ele resolve esta dificuldade e mostra que nenhum motor movido pode causar um movimento contínuo.

Pois é necessário dizer que um móvel que aparentemente está sendo movido continuamente é movido ou imediatamente como um todo pelo movimento de um motor movido, ou então através de muitos intermediários, um em contato com o outro, como foi dito a respeito da projeção. E esta divisão é válida quer o motor movido atue empurrando ou puxando, ou ambos (como no giro), como foi explicado no Livro VII. Nem acontece que uma coisa seja movida localmente por um motor movido de mais de uma maneira *per se* e não *per accidens* (pois algo sendo carregado é movido *per accidens*).

E porque ele havia dito que, nas coisas que são projetadas, o motor é constantemente outro e outro, e isso parece ser falso porque o corpo projetado parece ser continuamente movido por um ar que permanece uno, ele, portanto, para refutar isso, acrescenta que é porque o ar ou a água são fáceis de dividir que, por assim dizer, ora um, ora outro, motor atua, mas ainda assim atua como se estivesse sendo continuamente movido, enquanto durar o movimento do projétil; e embora o ar pareça uno, ele é, no entanto, outro e outro por divisão.

Mas em ambos os casos, ou seja, quer o motor movido atue empurrando ou puxando, o movimento não pode ser uno, mas deve ser "tido", isto é, consecutivo — pela razão dada acima, quando o movimento de projeção foi discutido, a saber, devido à diversidade dos motores.

O que resta, portanto, é que apenas o movimento de um motor imóvel pode ser perpetuamente contínuo, porque este motor permanece sempre "semelhante", de acordo com a mesma disposição em si mesmo. Por essa razão, ele pode manter-se sempre e continuamente de maneira semelhante em relação ao móvel, ou seja, para movê-lo uniformemente.

Mas deve-se notar que o Filósofo aqui atribui a eternidade do movimento contínuo à imobilidade do motor, enquanto acima a atribuiu ao seu poder infinito. Pois a eternidade do movimento contínuo, se considerada com respeito à repetição do movimento, diz respeito à imobilidade do motor, já que, se ele sempre permanece constante consigo mesmo, pode sempre repetir o mesmo movimento. Mas o poder infinito do motor diz respeito a toda a perpetuidade ou infinitude do movimento *per se*, como foi dito acima.

Deve-se notar também que, porque nenhum motor movido pode causar um movimento contínuo perpétuo, ele, portanto, na *Metafísica* XI, pretende provar um número de motores imóveis de

acordo com o número dos movimentos celestes, como se essa consideração decorresse disso.

1172. Então, no ponto (918), a partir das premissas já demonstradas, ele conclui para a conclusão principal. E diz que, a partir do que foi dito, é claramente impossível que o primeiro motor imóvel tenha qualquer magnitude ou seja um corpo ou seja um poder residente em um corpo. Pois se tivesse alguma magnitude, seria finita ou infinita. Mas foi provado no Livro III, quando a natureza em comum foi discutida, que uma magnitude infinita não é possível. O que resta, portanto, é que, se ele tem magnitude, terá uma magnitude finita. Mas que isso não é assim, ele prova com base no fato de que é impossível para uma magnitude finita possuir poder infinito, como o primeiro motor imóvel deve necessariamente ter. Portanto, ele não pode ter uma magnitude finita.

Mas que o primeiro motor imóvel deve ter poder infinito, ele prova a partir de algo previamente demonstrado, a saber, que é impossível que algo seja movido por um tempo infinito por um poder finito. Ora, o primeiro motor causa um movimento que é perpétuo e contínuo, e é um e o mesmo por tempo infinito, pois, caso contrário, este movimento não seria contínuo. Portanto, ele tem poder infinito.

Assim, ele não tem uma magnitude finita, e uma magnitude infinita é impossível de existir. É evidente, portanto, que o primeiro motor é indivisível, tanto por não ter parte, como até mesmo um ponto é indivisível, quanto por ser completamente sem magnitude, como se existisse fora do gênero da magnitude.

E assim o Filósofo, em sua consideração geral das coisas naturais, termina no primeiro princípio de toda a natureza, que é o Uno acima de todas as coisas, o sempre bendito Deus. Amém.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:59:29 by Admin
Updated 1 October 2026 23:58:01 by Admin